

RELAÇÕES INTERSUBGERACIONAIS NA INFÂNCIA: ENCONTROS ENTRE BEBÊS E CRIANÇAS MAIS VELHAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CAROLINA MACHADO CASTELLI¹; **ANA CRISTINA COLL DELGADO²**

¹*Universidade Federal de Pelotas – m.carolinacastelli@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – anacoll@uol.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Ao constatar a dupla necessidade, teórica e prática, de uma maior visibilidade das relações estabelecidas entre crianças de diferentes faixas etárias, incluindo os bebês, no ambiente educacional formal, esta pesquisa de mestrado, que foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS, se propôs a atentar para tais relações, aqui denominadas intersubgeracionais, por envolverem o que se passa entre diferentes subgerações da geração infância.

Portanto, o objetivo central desta pesquisa foi investigar as relações estabelecidas entre bebês de uma turma de Berçário 2 e crianças mais velhas em uma escola de educação infantil. Investigar em que tempos-espacos essas relações eram estabelecidas, os papéis que os adultos desempenhavam frente a elas, que implicações tais interações colocam ao currículo da Educação Infantil e que relações os bebês estabeleciham com os outros bebês foram os objetivos específicos.

Dada sua originalidade, o referencial teórico foi construído a partir de diferentes campos, tais quais os Estudos da Criança, a Sociologia da Infância, a Antropologia da Criança, a Psicologia Cultural, a História da Infância, a Filosofia e a Educação, situando-se nas discussões de Tópicos Específicos da Educação, dentro da subárea de avaliação Educação, na área das Ciências Humanas.

Foram centrais o conceito de geração (FORQUIN, 2003; SARMENTO, 2005), a compreensão sobre as culturas infantis e seus eixos (SARMENTO, 2003; 2004) e a desconstrução da neutralidade e da rigidez da noção de idade (ARIÈS, 1981; ROGOFF, 2005). Além disso, as especificidades dos bebês também permearam toda a investigação, não somente em termos biológicos, mas, também, culturais: conforme ROGOFF (2005), as diferenças etárias presentes na geração infantil, aspecto constituidor de suas subgerações, são biológicas e culturais, e desempenham importante papel para as relações sociais que as crianças desenvolvem umas com as outras.

Portanto, é importante que as escolas de educação infantil sejam contextos onde crianças de diferentes idades possam aproveitar a companhia umas das outras para desenvolver novas habilidades e competências e aprender observando e ajudando-se (CAMPOS; ROSEMBERG, 2009). Porém, para que isso seja possível, é preciso deixarmos de encarar a divisão por faixa etária como algo natural, e passarmos a vê-la como uma construção social (ARIÈS, 1981; ROGOFF, 2005), rompendo com a rigidez da separação etária nas escolas infantis e com visões adultocêntricas que não acreditam nas capacidades interativas e de cuidado das crianças entre elas.

2. METODOLOGIA

A investigação seguiu os princípios da etnografia, baseada, sobretudo, na obra “Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética”, de

GRAUE; WALSH (2003). Os autores consideram a etnografia como uma forma de pesquisa interpretativa, a partir da proposta de ERICKSON (1986), porque tem seu centro de interesse no significado que as pessoas dão à vida social e na sua elucidação e exposição pelo pesquisador (ERICKSON, 1986). Portanto, buscou-se desenvolver uma pesquisa profunda e reflexiva, interessada em perceber e descrever os eventos diários e em identificar, nesses eventos, o significado das ações a partir do ponto de vista dos próprios atores (ERICKSON, 1986).

Para dar conta desse desafio, a pesquisa, que ocorreu em uma escola de educação infantil, foi proposta a partir da articulação entre observação participante (COHN, 2009), registro por meio de uma descrição densa (GEERTZ, 2008), fotografias, vídeos e conversas com crianças e adultos. Outras ações foram incluídas a partir da experiência em campo, como a consulta às fichas das crianças e a participação em algumas de suas brincadeiras, bem como visitas às salas das turmas das crianças mais velhas (Maternais 1 e 2 e Pré 1) a fim de também conhecê-las melhor, uma vez que a maior parte do tempo se dava no acompanhamento dos bebês.

Essas ações foram desenvolvidas ao longo de 31 idas à instituição, de junho a setembro de 2014. A escola investigada é filantrópica e está localizada em um bairro próximo ao centro da cidade de Pelotas/RS. Presta atendimento a 70 crianças que provenham das famílias do bairro (em especial, que estejam em situação de vulnerabilidade social), e/ou que sejam filhos de funcionários da universidade cuja mantenedora é responsável pelo setor burocrático e pelos serviço médico, odontológico, psicológico, nutricional e de assistência social da escola.

Foram solicitados termos de consentimento a todos os profissionais da escola e aos adultos responsáveis pelas crianças nela matriculadas. Quanto às crianças, foi através de suas expressões e atitudes que o aceite referente à pesquisa foi dado, cabendo, às pesquisadoras, respeitar as opiniões e vontades daquelas que não desejavam participar de uma ou de todas as partes da pesquisa. Portanto, das 70 crianças matriculadas nas quatro turmas existentes na escola (Berçário 2, Maternais 1 e 2 e Pré 1), 54 participaram da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa buscou mostrar a potência que pode emergir dos encontros intersubjetivos, não tendo como intenção traçar um comparativo das relações estabelecidas entre os bebês com aquelas estabelecidas entre eles e as crianças de outros grupos. Na escola investigada, as relações dos bebês com as crianças mais velhas tiveram maior espaço dentro de um projeto proposto pela coordenadora da escola junto à professora do Pré 1, o qual pretendia trabalhar com a ideia de identidade grupal e melhorar a convivência das crianças desta turma na instituição. Um dos grupos que lhes despertou maior interesse foi o dos bebês, o que levou à realização de uma articulação com o Berçário 2. Outros encontros também ocorreram entre os bebês com as crianças do Pré 1 e com as crianças dos Maternais 1 e 2 em ocasiões variadas (como no pátio, no refeitório e na hora da saída).

A partir de todos esses momentos juntos, foi possível perceber o quanto bebês e crianças cuidavam uns dos outros, na perspectiva de cuidado amigo introduzida por Gonzaga e Arruda (1998). Ganharam destaque, na investigação, quatro tipos de relações de cuidado amigo – “a palavra preocupada com o outro”, “o toque carinhoso”, “a colaboração espontânea” e “a aproximação que leva conforto”, analisadas com o respaldo de MONTAGU (1988) e BOFF (1999).

Da mesma forma, no contexto investigado, as relações intersubgeracionais estabelecidas não sustentavam o mito outrora questionado por PRADO (2006) de que as crianças maiores machucam as menores. Isso não quer dizer que, no contexto investigado, não existissem conflitos, pois eles são elementos centrais nas culturas de pares (CORSARO, 2011), mas que a força bruta não foi presenciada por parte dos maiores com relação aos menores.

Ainda relacionado a isso, foi perceptível certa valorização dada, por parte das crianças mais velhas (e dos adultos), aos bebês, especialmente aos menores/mais novos: quanto mais novos, mais despertavam curiosidade e ações dos outros para com eles. Por outro lado, sem menosprezar tal valorização, reconhece-se que ainda não são considerados, em muitas práticas dos adultos, os desejos, as ações e os sentimentos dos bebês.

As relações entre bebês e crianças mais velhas ainda foram observadas quanto à formação de suas culturas infantis a partir dos quatro eixos das culturas da infância – interatividade, ludicidade, fantasia do real e reiteração (SARMENTO, 2003; 2004), sendo que, dentro da esfera da interatividade, foram desenvolvidos três aspectos (mas não os únicos possíveis), já anunciados por SARMENTO (2003; 2004): o aprender com os outros; o fazer amigos; e algumas questões de raça e gênero presentes nas relações estabelecidas entre os bebês e entre eles e as crianças mais velhas.

Por fim, ainda foram perceptíveis diferentes posicionamentos dos adultos da escola investigada frente às relações intersubgeracionais na escola. Em determinados tempos-espacos, eram favoráveis, como em sala e no âmbito do projeto do Pré 1, e, em outros, não tão favoráveis, como nos corredores e no pátio.

4. CONCLUSÕES

As relações presenciadas demonstraram que bebês e as crianças mais velhas podem aprender juntos, brincando, independentemente da idade; que eles brincam uns com os outros (re)criando suas culturas de pares e infantis; que não consideram a idade como fator que impossibilite que interajam; que passam a gostar mais uns dos outros e a ver escola mais como uma comunidade/família; que os maiores/mais velhos respeitam as particularidades dos bebês, sendo solidários com eles e sentindo-se responsáveis; que eles também aprendem a cuidar, e os menores/mais novos aprendem a serem cuidados por outras crianças; que os bebês aprendem outros repertórios lúdicos e culturais; que eles se fazem entender por meio de diferentes linguagens e não demonstram fragilidade; e, ainda, que, ao saírem de sua sala e interagirem com outras pessoas da escola, suas ações recebem maior visibilidade.

Por considerar que muitos outros pontos positivos poderão ser percebidos se os encontros passarem a se tornar uma realidade mais frequente, a pesquisa também apontou algumas pistas para a promoção de um número maior e mais significativo de encontros intersubgeracionais nas escolas infantis, o que ainda merece olhares mais aprofundados de professores e pesquisadores da área da educação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de janeiro: Guanabara, 1981.

BOFF, L. **Saber cuidar – Ética do humano-compaixão pela terra.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CAMPOS, M. M. ROSENBERG, F. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças.** 6.ed. Brasília: MEC, SEB, 2009.

COHN, C. **Antropologia da Criança.** 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância.** 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. In: WITTROCK, M. (Ed.). **Handbook of research on teaching.** Chicago: Macmillan, 1986. p.119-161.

FORQUIN, J.-C. Relações entre gerações e processos educativos: transmissões e transformações. In: Congresso Internacional Co-Educação de Gerações SESC, 1., 2003, São Paulo. **Anais...** São Paulo: SESC, 2003. p.1-23. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/83.rtf>> Acesso em: 14 jan. 2014.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** 13reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONZAGA, M. L. de C.; ARRUDA, E. N. Fontes e significados de cuidar e não cuidar em hospital pediátrico. **Rev. Latinoam. Enferm.**, v. 6, n. 5, p.17-26, 1998.

GRAUE, E.; WALSH, D. **Investigação Etnográfica com Crianças:** Teorias, Métodos e Ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MONTAGU, A. **Tocar** – O significado humano da pele. 6.ed. São Paulo: Summus, 1988.

PRADO, P. D. **Contrariando a idade: condição infantil e relações etárias entre crianças pequenas da Educação Infantil.** 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas.

ROGOFF, B. **A Natureza Cultural do Desenvolvimento Humano.** Porto Alegre: Artmed. 2005.

SARMENTO, M. J. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas na Segunda Modernidade. In: _____; CERISARA, A. B. **Crianças e Miúdos:** Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação. Porto: Asa Editores, 2004. p.9-34.

_____. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.26, n.91, p.361-78, mai./ago. 2005.

_____. Imaginário e Culturas da Infância. In: Jornada Educação e Imaginário, 1., 2003, Braga. **Conferência.** Braga: UMINHO, 2003, p. 1-18. Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/ImaCultInfancia.pdf> Acesso em: 04 nov. 2014.